



Carta sobre Escrita – 15

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

Maria da Piedade Anselmo nasceu em 1919, em Abrantes, e faleceu em 2017, com quase cem anos. Teve uma vida difícil. Andou na escola até à terceira classe (3º ano), deixou a escola para aprender a bordar e a coser e depois começou a trabalhar como costureira de alfaiate, o que fez toda a sua vida profissional. Teve muita pena de não continuar a estudar, mas, como era habitual naquele tempo, teve de ser. Só mais tarde fez o exame da 4ª classe (4º ano). Quando em 1998 abriu em Abrantes a Universidade da Terceira Idade, portanto para pessoas maiores de idade, Maria da Piedade Anselmo não perdeu a oportunidade e foi das primeiras a inscrever-se. Foi aí que a conheci. Com quase 80 anos, alimentava três paixões: aprender, a poesia e viver a vida nas suas várias dimensões. Na UTIA, no âmbito da disciplina Cultura Geral / Literatura Portuguesa, desafiada à escrita, compôs o seguinte poema.

Leonor

Descalça vai para o rio
Leonor cheia de frio
Vai “fermosa” e não segura

Leva a saia arregaçada
Não se vá ela molhar
Não tem outra p’ra mudar.
Leva consigo a vontade
De recordar com saudade
A missa do padre cura
Vai “fermosa” e não segura

Leva o cabaz com carinho
Que transporta a roupa suja
E, com medo ela não fuja,
Anda mais devagarinho
Olhando para o caminho
Não vá pisar pedra dura.
Vai “fermosa” e não segura

E quando é já tardinho,
Com a roupa já lavada

E no cabaz bem bordada
Volta p'lo mesmo caminho
Sempre com o mesmo jeitinho
Com a sua alma pura
Vai “fermosa” e não segura.

Publicado no seu primeiro livro em 1999, tinha a autora 80 anos, é um poema de linguagem simples mas bem cuidada, que relembra e homenageia as lavadeiras que, noutros tempos, asseguravam a lavagem da roupa das casas senhoriais e dos quartéis de Abrantes. Tem um forte poder de evocação, de tal modo que quase vemos a Leonor para lá e para cá, com a roupa à cabeça.

Mas quem souber um pouco de literatura portuguesa de imediato faz a ponte com uma poesia de Camões, muito conhecida.

Descalça vai para a fonte

Descalça vai para a fonte
Lianor pela verdura;
Vai fermosa, e não segura.

Leva na cabeça o pote,
O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,
Sainho de chamelete;
Traz a vasquinha de cote,
Mais branca que a neve pura.
Vai fermosa e não segura.

Descobre a touca a garganta,
Cabelos de ouro entrançado
Fita de cor de encarnado,
Tão linda que o mundo espanta.
Chove nela graça tanta,
Que dá graça à fermosura.
Vai fermosa e não segura.

Atenção, não é um plágio. Maria da Piedade Anselmo não faz batota, não rouba o que não é seu. Dando o mesmo nome, Leonor, seguindo a mesma matriz e escrevendo de modo explícito “fermosa”, diz que está a inspirar-se em Camões. Mas, mesmo assim, faz obra sua, e limpa, fica de cara lavada. Eu gosto muito deste poema, por isso o trago aqui. Por isso e por outra razão.

Com a ponte deste poema de Maria da Piedade Anselmo, quero mostrar uma coisa muito simples: cada poema ou texto em prosa inscreve-se numa corrente de escrita – e de literatura – que vem de trás e do qual um autor fica a fazer parte. Ninguém cria a partir do nada, ninguém escreve ou publica o primeiro texto do mundo. Daí uma dupla responsabilidade, duas faces da mesma moeda: por um lado, de respeito por quanto o precedeu; por outro, de cuidado com o que lança nessa torrente de escrita que nos precede e vai perdurar depois de nós.

Um texto sempre dialoga de algum modo com toda a História da Literatura. Já vimos como Piedade Anselmo o faz de modo explícito. Mas há muitas outras formas de o fazer. Não apenas com os autores e obras da “nossa” literatura nacional, mas também com a literatura de todos os povos e culturas. Em especial, é claro, com os grandes autores de todos os tempos. Para isso, é claro, é necessário conhecê-los e, porque não?, amá-los. Eles tratam, afinal, do mesmo que cada um de nós: viver e celebrar a vida, nas suas múltiplas formas.

Seja-me permitido terminar com a transcrição de um fragmento de um outro poema, de outro autor, que, também ele, dialoga com o dito poema de Camões e, agora, mesmo sem o saber, está em diálogo com o poema de Piedade Anselmo. É, de António Gedeão, o...

Poema da auto-estrada

Voando vai para a praia
Leonor na estrada preta
Vai na brasa de lambreta.

O poema continua, mas qualquer um pode, com facilidade, descobri-lo na internet. Também António Cabral glosou este tema (Leonor: Descalça vai para o rio), mas a carta já vai suficientemente longa, fica a referência.

Camões morreu em 1580; Rómulo de Carvalho, que usa o pseudónimo António Gedeão, morreu em 1997; Maria da Piedade Anselmo morreu em 2017. Mas, na verdade, ainda hoje participam, não só entre si mas com todos os outros autores, na fecunda roda de conversa da literatura universal, roda sempre aberta a quem dela queira participar. Mas com muito cuidado, pois esta não é uma roda de conversa qualquer!

Março de 2023

José Alves Jana